ISSN: 2525-9091

Revista Científica do Instituto de Ensino Superior de Itapira

A PSICOLOGIA E A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO ECONÔMICO

THE PSICHOLOGY AND THE CONSTRUCTION OF ECONOMIC THOUGHT

Mara Fernanda Alves Ortiz

1- Coordenadora e docente do curso de Pedagogia do Instituto de Ensino Superior de Itapira, docente da Faculdade Mogiana do Estado de São Paulo – Mogi Guaçu, membro do Laboratório de Psicologia Genética/Faculdade de Educação/UNICAMP

Contato: profa.maraortiz@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta uma abordagem geral das contribuições que a Psicologia Econômica oferece para a compreensão da construção do Pensamento Econômico. Atualmente, a maioria das sociedades vive o conflito de formar cidadãos com habilidades e conhecimentos a fim de resolverem seus problemas nas áreas econômicas e se tornarem consumidores conscientes no meio em que vivem. A compreensão do mundo econômico exige destreza por parte do sujeito para administrar seu dinheiro de forma eficiente sem acarretar problemas particulares e sociais. Para tal, há necessidade de uma série de informações e conhecimentos econômicos específicos a serem utilizados no desenrolar de situações de ordem econômica do cotidiano. Apresento a conceituação de Psicologia Econômica em sua trajetória histórica e seus principais pensadores, assim como as linhas de pesquisa que atualmente têm ocupado esta área do conhecimento, também, os estudos referentes à compreensão do mundo econômico desenvolvidos por Denegri e sua equipe, apresentando e discutindo os resultados alcançados por seu trabalho. Além disto, enfocará outros pesquisadores que, na mesma linha de Denegri, estudam a formação do pensamento econômico. Por fim traremos, nas considerações finais, do nosso estudo que pretende, por meio das discussões dos achados da pesquisa, indicar a relevância do papel da escola na formação de cidadãos/consumidores mais críticos e socialmente responsáveis, colocando algumas indicações de caminhos viáveis para a educação econômica.

Descritores: consumidores; pensamento econômico; educação.

ABSTRACT

This article presents an overview of the contributions that economic psychology offers for understanding the construction of Economic Thought. Currently, most companies live the conflict of forming citizens with skills and knowledge in order to solve their problems in economic areas and become conscious consumers in the environment in which they live. Understanding the economic world requires skill on the part of the subject to manage their money efficiently without causing individual and social problems. This calls for a need for a series of specific information and economic knowledge to be used in the course of everyday economic order situations. Introduce the concept of economic psychology in its historical trajectory and its leading thinkers, as well as the lines of research that currently have occupied this area of knowledge, too, the studies on the understanding of the economic world developed by Denegri and his team, presenting and discussing the results achieved by their work. In addition, it focuses on other researchers in the same line Denegri, studying the formation of economic thought. Finally we bring, the conclusion, our study aimed, through discussions of research findings indicate the importance of the school's role in the formation of citizens / more critical consumers and socially responsible, putting some indications of viable paths to economic education.

Keywords: consumers; economic thought; education.

Artigo recebido em 01/03/2016; aprovado em 01/07/2016.

CONSCIESI - Revista Científica do Instituto de Ensino Superior de Itapira – IESI

www.consciesi.com.br / www.iesi.edu.br

INTRODUÇÃO

Atualmente, a maioria das sociedades vive o conflito de formar cidadãos com habilidades e conhecimentos a fim de resolverem seus problemas nas áreas econômicas e se tornarem consumidores conscientes no meio em que vivem.

A compreensão do mundo econômico exige destreza por parte do sujeito para administrar seu dinheiro de forma eficiente sem acarretar problemas particulares e sociais. Para tal, há necessidade de uma série de informações e conhecimentos econômicos específicos a serem utilizados no desenrolar de situações de ordem econômica do cotidiano.

A Psicologia Econômica se situa numa interface que pretende explorar as fronteiras entre a Psicologia e a Economia. Podemos encontrar pontos de intersecção e também, grandes distâncias, a partir do marco teórico estudado. Acreditamos que exista ainda um enorme território a ser 'desbravado' e conhecido. Para melhor compreensão dos estudos da Psicologia Econômica, apresentamos um breve histórico.

A Psicologia Econômica

A Psicologia Econômica teve sua origem em 1881, Gabriel Tarde foi o primeito a utilizar-se do termo. Karl Menger, pensador social e jurista francês, dirigiu a chamada *Escola Psicológica*, a qual introduziu conceitos psicológicos em suas análises econômicas, com o objetivo de ampliar a Economia, por meio de contribuições psicológicas e de outras ciências humanas, como a sociologia, no início do século XX.

Foi a partir da 2a.Guerra Mundial que um outro pesquisador, GEORGE KATONA (1901-81), húngaro que havia emigrado para os EUA, com formação em psicologia, voltou a dar visibilidade a esta área. Katona desenvolveu o Índice de Sentimento do Consumidor, através de pesquisas junto à população, que lhe permitiu elaborar previsões sobre o desempenho da economia. Ao contrário dos economistas que esperavam uma recessão, ele previu que haveria um *boom*, o que, de fato, aconteceu.

Na Europa, Pierre-Louis Reynaud, professor de Economia Política, estudava Psicologia e Economia, sendo seguido por outros pesquisadores como Paul Albou, na França, Karl-Erik Warneryd, na Suécia e Folke Olander, na Dinamarca. Mas, só na segunda metade do século XX que este campo sofre um avanço, com a publicação do livro de Katona, *Psychological Economics*, em 1975, com prêmio Nobel de Economia de 1978, dado a Herbert Simon que tinha formação tanto em Economia quanto em Psicologia e desenvolveu a Teoria da Racionalidade Limitada, e novas publicações, sob a forma de livros e do periódico Journal of Economic Psychology, criado em 1981, bem como associações científicas, como a IAREP-International Association for Research in Economic Psychology, em 1982. Atualmente, a disciplina está em expansão - em 2002, especialmente na Europa, mas também encontrada na América do Norte, Austrália e Nova Zelândia. Reune psicólogos, economistas, educadores, administradores de empresas, especialistas em marketing, teoria da informação, direito e outros profissionais que desenvolvem pesquisas sobre temas como: tomada de decisões; psicologia do dinheiro; socialização econômica; poupança; endividamento; justiça e igualdade; consumo; inflação; desemprego; evasão fiscal; psicologia da pobreza; hábitos e muitos outros. No Brasil e em alguns outros países da América Latina, começa a se desenvolver mais recentemente. Faz fronteira com: Economia Comportamental, Finanças Comportamentais, Sócio-Economia,

Psicologia do Consumidor, Neuroeconomia, Psicologia Social e a Psicologia Cognitiva.

A partir desses estudos, podemos constatar que os fatores psíquicos que envolvem os fenômenos econômicos, parecem estar, sem dúvida, presentes em todo o nosso dia a dia. A psicologia da economia é um ramo da psicologia que se ocupa do comportamento econômico, das variáveis que influem nas tomadas de decisões e de como as pessoas compreendem o mundo econômico. A partir de 1976, passaram a acontecer colóquios, encontros de estudiosos que se interessavam pela interface entre a psicologia e a economia, na cidade de Tilburg, na Holanda. A princípio, informais, mas formais após a fundação da associação – IAREP – The International Association for the Research of Economic Psychology, que organizou cursos e seminários na área organizacional, ou seja, com proximidade a uma vertente potencial de aplicação e utilização por empresas e instituições.

Uma outra organização que reúne estudiosos da psicologia econômica é a SABE - *Society for the Advancement of Behavioral Economics.* Criada na década de 80, é uma sociedade de acadêmicos e consultores independentes que defendem a idéia de que a análise da atividade econômica deveria incorporar pesquisas das ciências sociais como: psicologia, sociologia, antropologia, história, ciência política, biologia e a psicanálise (FERREIRA, 2004).

A Psicologia Econômica tem como objetivo o estudo interdisciplinar do comportamento econômico – pesquisando como a economia influencia a vida das pessoas, como as pessoas compreendem seus sentimentos, pensamentos e comportamentos, e como esses elementos, por sua vez, podem influenciar a economia, havendo numerosos problemas práticos e acadêmicos para os quais essa ciência pode contribuir.

A pesquisa empírica tem grande relevância, embora haja também interesse por teoria psicológica e econômica, para se proceder as investigações. A IAREP destacou pesquisas recentes nas seguintes áreas: comportamento do consumidor; comportamento econômico de crianças e socialização econômica; publicidade; comportamento organizacional; psicologia trans-cultural; tomada de decisão; psicologia do trabalho; meio-ambiente; administração financeira; identidade social e nacional; economia experimental; impostos e taxação; representações sociais.

No Brasil, o tema ainda é pouco explorado. Na Universidade do Pará, a Profa. Dra. Alice da Silva Moreira realizou seus estudos na Inglaterra sobre o significado do dinheiro, fundamentada na teoria da psicologia social, com enfoque transcultural, seu trabalho deu origem ao LAPE – Laboratório de Psicologia Econômica, cujo objetivo era o de investigar a compreensão da vida econômica. Atualmente, o LAPE desenvolveu a pesquisa sob o título Socialização Econômica: o aprendizado de conceitos econômicos de crianças e adolescentes brasileiros, da Profa. Dra. Iane Dias Lauer Leite. A autora verificou como ocorre a aprendizagem de conceitos econômicos, como as crianças e os adolescentes se comportam economicamente e quais as variáveis que influem no comportamento desses sujeitos.

Ferreira (2007), psicanalista, consultora na área de desenvolvimento profissional e membro do IAREP, vem desenvolvendo estudos na área, com objetivo de ampliar as pesquisas. Dentre eles podemos citar a busca da perspectiva de trabalho entre a Psicologia, a Economia e a Psicanálise. A Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO, em 2005 discutiu o tema no seu 13º Encontro, em que os pesquisadores Eric Calderonie e Vera Rita M. Ferreira ministraram um mini-curso apresentando a Psicologia Econômica como ciência, que estuda o comportamento

econômico e suas interfaces.

Na UNESP[1] de Araraquara, Romaninni, Godoy e Gardim replicaram a pesquisa desenvolvida por Delval, buscando caracterizar a organização e a mobilidade social sobre conceitos entre rico e pobre, confirmando a existência dos mesmos níveis encontrados por Delval em crianças espanholas.

Na UERJ[2], tem-se desenvolvido estudos sobre o consumo, analisando historicamente os efeitos e a subjetividade advindos da sociedade de consumo. Estes estudos apresentam e analisam suas investigações através das contribuições de Marx, da escola de Frankfurt e também através da Semiologia[3].

Na UNICAMP, membros do Laboratório de Psicologia Genética já concluíram pesquisas nesta área dentre elas podemos destacar a de Regina Magna Bonifácio de Araújo (2007) que desenvolveu estudos sobre o desenvolvimento do pensamento econômico em crianças. Bessa (2008) que investigou a Alfabetização econômica, hábitos de consumo e atitudes em direção ao endividamento de estudantes de pedagogia; Ortiz (2009) sobre a Educação para o consumo: diagnóstico da compeensão do mundo economico do aluno da educação de jovens e adultos; Cantelli (2009) sobre Procedimentos utilizados pelas famílias para a Educação Econômica de seus filhos; Braga (2010) Educação Econômica: um olhar sobre a educação ambiental e Fermiano (2010) – Pré-adolescentes ("tweens") – desde a perspectiva da teoria piagetiana à da Psicologia Econômica.

Todas estas investigações ressaltam a importância de pesquisas na área da Psicologia Econômica e da Educação Econômica para a formação do cidadão.

Os estudos sobre o desenvolvimento de conceitos econômicos na infância e na adolescência parecem estar ganhando espaço nas últimas décadas. Apresentamos uma série de estudos realizados em distintos contextos culturais (entre eles Berti y Grivet, 1990, Leiser, Sevón y Levi, 1990, Abramovitch et al, 1991; Sonuga- Barke y Webley, 1993; Delval, Enesco y Navarro, 1994; Denegri, 1995a, 1995b, 1997, Denegri; Delval; Gunter y Furnham, 1998;Ripoll; Palavecinos y Keller; 1998a; 1998b; Denegri, Delval, Palavecinos, Keller, y Gempp, 2000; Amar, Abello y Denegri; 2001).

Ainda é muito escasso o número de estudos sobre a socialização econômica nas diferentes etapas da vida e como os sujeitos constroem seus conhecimentos em relação a economia e ao dinheiro.

AMAR, ABELLO, e DENEGRI, (2001) desenvolveram duas pesquisas em países da América Latina, Colômbia, Projeto COLCIENCIAS n°1215-11-369-97: *"O desenvolvimento de conceitos econômicos em crianças e adolescentes colombianos e sua interação com os setores educativos e qualidade de vida", e Chile,* Projeto FONDECYT 1970364 e 1030271: *"O desenvolvimento de conceitos econômicos na infância. Estudo evolutivo com crianças e adolescentes chilenos"*.

Estes projetos permitiram constatar quais as principais dificuldades de crianças, adolescentes e adultos, em compreender a economia do dia a dia e como atuar de forma eficaz. Verificou-se também que a não compreensão desses elementos redunda em sérios problemas econômico-sociais: tais como superendividamento, consumismo exarcebado, gerando assim, sérios problemas de ordem econômica e ou social. Os principais problemas encontrados nesses estudos dizem respeito à compreensão sobre a origem e a circulação do dinheiro nas inter–relações e aos fatores

[1] Universidade Estadual Paulista
[2] Universidade Estadual do Rio de Janeiro.
[3] Ciência que estuda os signos e sinais empregados em comunicação.

que determinam os aspectos econômicos que se mantêm, inclusive em relação à compreensão dos processos econômicos em adultos de classe média. Fatores como a escolarização, a cidade de moradia, o gênero e, fundamentalmente, o nível sócio-econômico influenciaram no modo pelo qual as crianças, adolescentes e adultos compreendem os fenômenos econômicos e o desenvolvimento de hábitos de consumo e atitudes em direção ao endividamento. DENEGRI, PALAVECINOS, RIPOLL, e YAÑEZ (1999), realizaram também um estudo exploratório para caracterizar psicologicamente o consumidor da IX Região do Chile, utilizando uma amostra intencional de pessoas de 15 a 50 anos, a qual foi aplicada uma escala sobre suas condutas de consumo composta por 5 seções, parte das quais eram compostas por perguntas abertas, parte dicotômicas e parte, escalas tipo Likert, sobre Hábitos de Consumo e Atitudes em Direção ao Endividamento. Os resultados indicam uma tendência em direção a um consumo pouco reflexivo, que, por ele mesmo, obtém resultados pouco eficientes, identificados nas respostas de vários dos pesquisados, que acreditam gastar mais do que deveriam, o que aumenta sua percepção subjetiva de vivenciar uma situação financeira difícil. Além disso, esse estudo demonstrou algumas diferenças com respeito ao gênero, no sentido de que as mulheres parecem mais eficientes na organização de compra doméstica, fazendo listas de compras, priorizando a compra de certos produtos e hierarquizando as necessidades; em troca, os homens parecem ser mais eficientes frente ao uso de créditos para compras maiores. Com relação as condutas econômicas específicas, foram encontrados padrões diferenciais de endividamento nos diferentes grupos de faixas etárias. Nos sujeitos entre 15 e 19 anos se avaliou a co-existência de fontes formais de endividamento como o comércio e os cartões de crédito e fontes informais, como os amigos e as famílias. As demais faixas etárias, que vão desde os 20 aos 54 anos, apresentaram como as principais fontes de endividamento o comércio, bancos, financeiras e, principalmente, os cartões de crédito. Assim, também se observou que o endividamento por crédito hipotecário aparecia somente a partir dos 30 anos e se mantinha até aos 49 anos.

Denegri e sua equipe realizaram uma série de trabalhos sobre a compreensão da economia na infância e adolescência, considerando amostras espanholas, chilenas e colombianas (Denegri, 1995ª, 1995b, Idem, 1997; Denegri, Delval, Ripoli, Palavecinos y Keller, 1998b; Amar, Abello e Denegri 2001), sendo que os mais extensos correspondem ao projeto Fondecyt 1970364, com uma amostra de 500 participantes de 06 a 18 anos, dos níveis sócio-econômicos alto, médio e baixo, residentes em cidades bastante urbanizadas e com intensa atividades econômicas e financeiras e cidades mais rurais, com economia mais agrária da IX Região do Chile e o Projeto Colciências nº 1215-11-369-97, com uma mostra de 486 sujeitos de 06 a 18 anos, dos níveis sócio-econômicos alto, médio e baixo da costa do caribe colombiano.

Com DENEGRI, KELLER, RIPOLL e PALAVECINOS, DELVAL (1997) realizaram outras pesquisas sobre a pobreza e desigualdade social e os meios que as pessoas utilizam para sanar estes problemas. Este trabalho é uma vertente do Projeto Fondecyt[4] e foi realizado com uma população de 240 crianças, de diferentes idades, todas matriculadas no sistema de ensino formal da região de Araucanía, no Chile. Depois de coletados e analisados, os dados foram categorizados em três níveis de desenvolvimento da compreensão dos conceitos de pobreza e desigualdade social, os quais foram discutidos em função da

[4] Projeto sob o n°. 1970364 que investiga a psicogênese dos conceitos econômicos relacionados a origem e circulação do dinheiro e as idéias sobre pobreza e desigualdade social.

idade e do nível socioeconômico dos sujeitos participantes. Os resultados encontrados nos países são similares. A partir destes, podemos concluir que o processo psicogenético da construção das representações sociais sobre a pobreza e a desigualdade social é construído por níveis de desenvolvimento que variam de acordo com a idade e com as estruturas cognitivas dos sujeitos.

ENESCO (1995), também desenvolveu pesquisas que explicam a evolução das noções relacionadas com a compreensão do funcionamento da sociedade. Ela estudou crianças e adolescentes, comparando grupos sócio-econômicos diferentes, de paises distintos e também fez pesquisas sobre a distribuição social da riqueza e estratificação sócio-econômica; a idéia de trabalhos e sua relação com a remuneração; a hierarquia no trabalho, dos conflitos e das normas sociais. A autora afirma que através dos resultados desta investigação podemos conhecer como se desenvolve a sociedade e as dificuldades que as crianças e adolescentes enfrentam nesta compreensão e as limitações que surgem neste processo.

Trabalhos de FURTH (1980) e DENEGRI (1995b) mostram os processos de socialização econômica na infância e adolescência. GUNTER E FURNHAM (2001) chamam a atenção para as formas como as crianças e jovens raciocinam e compreendem os assuntos econômicos. Esses estudos têm demonstrado que, desde cedo as crianças e adolescentes não são indiferentes a situações econômicas, mas existe explicações sobre o mundo econômico e estas estão na base de suas condutas de consumo.

JAHODA (1979 e 1983ª) pesquisou as idéias sobre intercâmbio monetário e o funcionamento do banco como instituição financeira com crianças de 6 a 16 anos de diferentes classes sócio-econômicas e provenientes de países diversos como Escócia, Holanda e Zimbawe. Ele destaca a compreensão do funcionamento econômico como sistemas inter-conectados. Nesta mesma perspectiva, SIK HUNG NG (1983) realizou um estudo com crianças chinesas de 06 a 13 anos de Hong Kong. Seus resultados indicam que as crianças chinesas obtêm a compreensão completa sobre o funcionamento bancário mais precocemente. Fator explicado pelas características desse povo. MEI-HA WONG (1989) realizou estudos comparando os resultados encontrados por NG, com crianças de Hong Kong e com crianças norte-americanas de 06 a 15 anos.

As pesquisadoras italianas Anna Emilia Berti e Anna Silvia Bombi e seus colaboradores (BERTI e BOMBI, 1988) têm realizado, com crianças italianas, uma série de estudos relativos ao desenvolvimento do pensamento econômico, a partir de uma perspectiva teórica fundamentalmente piagetiana, abordando a compreensão da origem e do uso do dinheiro, as funções do banco, a retribuição pelo trabalho e a desigualdade social com crianças cujas idades variam entre 04 e 14 anos.

Outro antecedente importante, apontado por DENEGRI (2003ª), é o macro-projeto transcultural da Associação Internacional para a Pesquisa em Psicologia Econômica realizada em vários países: (Wosisnki e Pietras, 1990, Polônia; Lyck 1990, Dinamarca; Harrah e Friedman, 1990, USA; Roland-Levy, 1990, França e Argélia; Kirchler e Prher, 1990, Áustria; Leiser, 1990, Israel , Zavucovec e Polic, 1990, Ioguslávia). As idades selecionadas para todos os estudos foram de 8 a 14 anos, incluindo igual proporção de meninos e meninas.

As conclusões gerais deste Projeto são elaboradas por Leise Sevón y Lévy (1990), indicando que a idade dos sujeitos é um fator que exerce influência importante no nível de compreensão dos diferentes conceitos econômicos implicados. Também

indicam que, em todos notava-se que o conhecimento aprofundava e ampliava com a idade, enquanto as atitudes tendiam a se manter relativamente estáveis. Foi observado também, que os sujeitos mais jovens tendem a conceitualizar a economia a partir da perspectiva de "homem social", enquanto que nos mais velhos se desenvolve um conceito de "homem econômico".

Os resultados desses trabalhos indicam a existência de uma sequência evolutiva que mostra um padrão de mudança conceitual próprio de uma construção progressiva e que permite identificar a existência de três níveis de desenvolvimento no conceito do fenômeno monetário: Nível I: Pensamento extra-econômico e econômico primitivo (correspondente às crianças de 6 a 9 anos); Nível II: Pensamento econômico subordinado (que corresponde as crianças maiores de 10 anos, adolescentes e inclusive alguns adultos); e Nível III Pensamento Econômico Independente ou Inferencial (correspondente a adolescentes mais velhos e adultos).

Outro estudo realizado por DENEGRI (1998) e WEBLEY (1999) sobre a socialização econômica na idade juvenil e adulta sugeriu que existe indícios de desenvolvimento do pensamento econômico durante o período de educação superior, quando ocorre a entrada no mundo do trabalho. Contudo, tem-se sugerido que uma alta proporção da população adulta não tem mais que uma bagagem rudimentar de conceitos econômicos e que essas pessoas não estão habilitadas para tratar diversos assuntos econômicos, pessoais e públicos além do manejo do dinheiro.

DENEGRI (2003), descreve os estudos realizados na Inglaterra. TOKUNAGA (1993), apresenta um perfil de pessoas com problemas relacionados ao endividamento. Os resultados de seu estudo indicam que os usuários de crédito mal sucedidos (devedores) exibem uma forte marcação por controle externo, baixa auto-eficácia, vêem o dinheiro como uma fonte de poder e prestígio, expressam grande ansiedade e desconhecimento com relação a matérias financeiras, contudo, expressam pouca preocupação em reter o seu dinheiro.

Segundo LEA, WEBLEY e BELLAMY (1995) são muitas as variáveis que podem explicar a relação entre fatores psicológicos e sociais e o endividamento, destacando as seguintes: o apoio social à dívida, a socialização econômica, o nível de conhecimento dos mecanismos de endividamento e os instrumentos financeiros associados a eles, a comparação social, as atitudes em relação ao dinheiro e como obtê-lo, o grau de pobreza, a perspectiva temporal (o fracasso do atraso da gratificação) e a forte marcação por controle externo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses dados nos permitem concluir que os resultados dos estudos pertencentes ao desenvolvimento de conceitos econômicos parecem indicar, em seu conjunto, que o sujeito está comprometido ativamente em um processo construtivo que está estreitamente relacionado com o desenvolvimento de instrumentos cognitivos, porém, mediado fortemente pela influência do nível sócio-econômico, do meio cultural e da experiência econômica a que está submetido.

REFERÊNCIAS

AMAR, J.; ABELLO, R.; DENEGRI, M. El desarrollo de conceptos económicos en niños y adolescentes colombianos y su interacción con los sectores educativo y calidad de vida. **Informe Final Proyecto COLCIENCIAS** Nº1215-11-369-97, 2001.

ARAUJO, R.M.B. Educando para o consumo, educando para a cidadania. 1991In: ASSIS,

M. MANTOVANI DE ASSIS O. **Anais do XXII Encontro Nacional de Professores do PROEPRE**. Campinas: UNICAMP/FE/LPG. 2005, p.89-95.

ARAUJO, R.M.B. **O Desenvolvimento Do Pensamento Econômico Em Crianças**: avaliação e intervenção em classes de 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental. Tese Doutorado – UNICAMP, 2007.

BERT, A. E.; BOMBI, A. S. The development of the concep of money and its. Valve: a longitudinal study. **Child Development**, Cambridge University Press, 1981

BERTI, A. E.; BOMBI, A. S. **The child's constructuion of economics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BERTI, A. E., BOMBI, A. S.; DE BENI, R. The development of economic notions: single sequence or separate acquisitions? **Journal of Economic Psychology**, 7, 415-424, 1986

BERTI, A.E.; GRIVET, A. The development of economic reasoning in children from 8 to 13 years old: price mechanism. **Contributi di Psicologia**, 3, III, 37-47,1990.

BRAGA, J. L. O. **Globalização, Economia e Psicologia**. Disponível em: http://www.sapereaudare.com/psicologia/texto03.html. 2001.

BRESSER-PEREIRA, L. C. **A economia brasileira na encruzilhada**. São Paulo. FGV Editora, 2006.

DELVAL, J.; SOTO, P.; FERNANDEZ, T.; DEAÑO, A.; GONZALES, E.; GIL, P.; CUEVAS, M. T. **Estructura y enlance de los conociementos científicos**: Ciencias sociales, Lãs nociones de economiay poder. Informe multicopiado. Universidad Autônoma de Madri, Instituto de Ciencias de la Educación, 1971.

DELVAL, J.; ENESCO, I.; NAVARRO, A. **La construcción del conocimiento económico.** In M. J. Rodrigo (ED.) **Contexto y desarrollo social.** Madri: Ed. Síntesis, 1994b.

DELVAL, J.; ENESCO, I.; VILLUENDAS, D.; NAVARRO, A.; SIERRA, P.; PEÑARANDA, A. **La comprensión de la organización en niños y adolescentes.** Madri: C.I.D.E., 1995.

DENEGRI, M. **El desarrollo del concepto de dinero**. Tesi Doctoral. Universidad autónoma de Madri, 1995 a.

DENEGRI, M. El desarrollo de les ideas acerca de la emisión monetária em niños y adolescentes: estúdio exploratório. **Revista del instituto de Ciências de la Educación**, nº 9, Enero-Abril, 47-62, 1995b.

DENEGRI, M. Como as crianças e adolescentes compreendem a economia? Avaliação do desenvolvimento do pensamento econômico na infância. In: ASSIS, M. MANTOVANI DE ASSIS O. **Anais do XIV Encontro Nacional de Professores do PROEPRE**: Piaget e a Educação. Campinas: UNICAMP/FE/LPG, p.128-138.1997.

DENEGRI, M. La construcción de.nociones económic as em la infância y adolescência. In: FERRO, Jesús & AMAR , José (ED.) **Dessarollo Humano**. Perspectiva Siglo XXI. Ediccciones UNINORTE, Colômbia ,1998.

DENEGRI, M.; PALAVECINOS, M.; YÁÑES, V. **Escala de hábitos y conductas de consumo: propiedades psicometrías.** Artículo en prensa, 1997b.

DENEGRI, M.; PALAVECINOS, M.; RIPOLL, M. & YÁÑES, V. **Escala de actitudes hacia el Bendeudamiento: propiedades psicometrías.** Artículo de prensa, 1997c.

DENEGRI, M.; DELVAL, J.; RIPOLLI, M.; PALAVENCINOS, M.; KELLER, A. **Desarrollo del pensamiento económico en la infancia y adolescencia.** Boletín de Investigación Educacional, Vol. 13, pp. 291-308, 1998.

DENEGRI, M.; PALAVECINOS, M.; RIPOLL, M.; YÁÑES, V. Caracterización psicológica del consumidor de la IX Regio**.** In DENEGRI, M. et al. **Consumir para vivir y no vivir para consumir.** Ediciones Universidad de la Frontera, Temuco,1999a.

DENEGRI, M.; ITURR, R.; PALAVENCINOS, M.; RIPOLLI, M. **Consumir para vivir y no vivir para consumir.** Ediciones Universidad de La Frontera, Temuco,1999b.

DENEGRI, M.; DELVAL, J.; PALAVENCINOS, M. KELLER, A.; GEMP, R. **Informe final Proyecto Fondecyt N° 1970364.** Fondecyt, Santiago, 2000.

DENEGRI, M.; AMAR, J, A.; LLANOS, R. A.; MARTÍNEZ, M. L. **Pensamiento económico de los niños colombianos: análisis comparativo en la región Caribe.** Barranquilla, Colombia: Ediciones Uninorte, 2002.

DENEGRI, M.; PALAVENCINOS, M. **Genero y alfabetización económica. Oportunidades de desarrollo o nuevos caminos para la discriminación?** Psicología Del Caribe (en prenta), 2003.

FEREIRA, V. R. M. **Psicologia Econômica**: história e perspectiva de trabalho. Texto apresentado na Semana de Psicologia – Universidade Ibirapuera – São Paulo, 2004. Capturado na internet 12/ 02/2008.

JAHODA, G. **The construction of economic reality by some Glaswegian children**. European Journal of Social Psychology. 1979, 9, 115-127.

JAHODA, G. The development of thinking about economic institutions: the bank. **Cahiers de Psychology Cognitive**, 1981,1, 55-73.

JAHODA, G. European lag in the development of an economic concept. A study in Zimbabwe. **Brithish Journal of Developmental Psychology**, 1983, 1, 113-120.

JAHODA, G. The development of thinking about socio-economic systems. **The Social Dimension**, vol. I, Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

NG, Sik Hung; CRAM, Fiona. **Consumer Socialization.** Auckland, New Zealand:International Association of Applied Psychology, 1999.

PALAVECINOS, M. **Comprensión de la economía en adultos de la ciudad de Temuco**. Tesis de Magíster en Ciencias Sociales Aplicadas. Universidad de La Frontera. Temuco: Chile 2002.

KUMAR, KRISHAN. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna**: novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

ROUILLÈ D'ORFEUIL, H. **Economia cidadã**: alternativas ao neoliberalismo. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Petrópolis, RJ, Vozes, 2002.

WHITE, E. **Educação**. São Paulo. Editora da Casa Publicadora Brasileira, 2001.

WOSINSKI, M.; PIETRAS, M. Economic socialization of Polish children in different macro-economic conditions. Special Issue: Economic socialization. **Journal os Economic Psychology**, vol. 11(4), 515-528, 1990. www.wwf.org.br/informacoes/especiais/relatorio_planeta_vivo_2008/ acessado em 10 de junho de 2009.

A autora declarou não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.